



**Westsächsische Hochschule Zwickau**  
University of Applied Sciences  
HOCHSCHULE FÜR MOBILITÄT | UNIVERSITY FOR MOBILITY



**Angewandte Sprachen und Interkulturelle Kommunikation**  
Fakultät der Westsächsischen Hochschule Zwickau

## **15. Deutscher Lusitanistentag Zwickau**

**Sektion 4: Literarische Grenzüberschreitung:  
Die portugiesische Sprache in Bewegung**

**Secção temática 4: Deslocamentos literários:  
A língua portuguesa em movimento**

Sektionsleitung/ Coordenação:

Gabriella Mendes (Universidade de Coimbra)

Eugenio Lucotti (Università Ca' Foscari Venezia)

**Stand / última atualização: 05/08/2023**

**Sala/ Raum GAB 344**

**Resumos – Abstracts**

*Francisco Topa (Universidade do Porto)*

*4ª/ Mi, 20/09/2023, 8h30*

**Conferência de abertura:**

**"Quis saber o significado da palavra Metrópole":**

**Aida Gomes para lá do retorno**

*Eugenio Lucotti (Università Ca'Foscari Venezia)*

*4º/ Mi, 20/09/2023, 10h*

**Do desconhecido para a origem:**

**Uma possível leitura alencariana da *Carta do Achamento***

A proposta visa argumentar uma possível presença da *Carta do Achamento do Brasil* (1500) de Pêro Vaz de Caminha em *O Guarani* (1857), de José de Alencar. A analogia entre, por um lado, a construção narrativa de Peri e da relação que estabelece com Cecília e, por outro, a reação dos indígenas face aos símbolos religiosos no relato de Caminha, fazem supor que o autor de *O guarani* possa ter aproveitado algumas sugestões da Carta para a caracterização do protagonista, hipótese corroborada pela história da recepção do documento no Brasil do século XIX. A partir de uma aproximação entre dois textos surgidos em contextos historicamente e culturalmente muito diferentes, mas ambos da sua maneira *fundacionais*, procurar-se-á descortinar a continuidade dos temas e dos recursos retóricos de uma *imago brasiliis* que, justamente a partir do romantismo, será determinante ao longo de toda a autognose brasileira,

chegando até os dias de hoje. O deslocamento em foco é, portanto, um deslocamento de ideias e imaginários que, a partir da reação face à alteridade de que se tem testemunha na *Carta* de Caminha, atravessa os séculos continuando a alimentar as várias tentativas de descoberta de si, nomeadamente num momento crucial como é o do conhecimento-invenção de uma nova entidade nacional e identitária no romantismo brasileiro.

*Cristina Zhou (Universidade de Coimbra)*

*4ª/ Mi, 20/09/2023, 14h*

**“Príncipe do Grande Exílio” – reflexão sobre  
a aristocracia literária de Fernando Pessoa/Bernardo Soares**

Numa passagem admirável do *Livro do Desassossego*, Fernando Pessoa (1888-1935), ou Pessoa *qua* Bernardo Soares, evoca uma fraternidade dos criadores da “consciência do mundo”, compostos pelos que não foram glorificados em vida, incluindo Jesus Cristo, Shakespeare, Milton e Dante, que ele tem “por irmãos”. Contrastando com a grave sensação de estar “na sombra” e longe da glória mundana, encontra-se, no “eu” fluido e oscilante do *Livro do Desassossego*, a igualmente clara consciência de pertencer a uma aristocracia espiritual e artística, cuja nobreza e esforço se concentra em “saber dizer” e “dizer o comum com singularidade”.

Pretendemos, neste trabalho, reflectir sobre a peculiar noção desta aristocracia literária de Pessoa, procurando entender as diversas implicações de uma audaciosa reinvenção da língua portuguesa no tempo moderno, que tem, surpreendentemente, um mestre barroco António

Vieira (1608-1697) como o supremo modelo a superar. Para exemplificar a tentativa pessoal de unir e transcender os paradigmas clássico e romântico, vamos escolher certas expressões, principalmente da segunda fase do *Livro do Desassossego*, as quais se destacam mais, a nosso ver, por uma luminosidade intensa, reveladora e simultaneamente intrigante. Nestes instantes de “gouttes de lumière cimentées” (Proust) que nos parecem reminiscências da arquitectura do gótico veneziano, transparece uma séria e profundamente melancólica atitude para com a literatura. Podemos apreciá-los, colocando-os em paralelo a algumas passagens de Marcel Proust (1871-1922), que se inspiram na arte de Johannes Vermeer (1632-1675). Trata-se de exemplos da arte que desafia o humanamente possível e que, embora exilada do seu tempo, é tão acima do seu tempo.

***Gabriella Mendes (Universidade de Coimbra)***

***4ª/ Mi, 20/09/2023, 14h45***

***"O Autor em visita":***

***fronteiras ontológicas na obra de José Cardoso Pires***

Pode-se dizer que a escrita de José Cardoso Pires é um rico manancial de personagens, frutos de uma observação ativa ou ainda, apropriando-se dos termos de Herberto Helder, figuras que nascem de uma “técnica de atenção ardente” (1998). A construção das personagens, para Cardoso Pires, declaradamente partia da inspiração em pessoas do mundo empírico para que o autor as recriasse e as conformasse em personagens únicas, facto amplamente documentando em estudos biográficos sobre o autor (cf. Pedrosa, 1999: 135 -142). Neste trabalho, no entanto, propomo-nos

a analisar a efetiva inspiração numa figura particular para a criação de personagens: a do próprio autor.

Buscamos demonstrar como a figura do autor é recuperada ou sugerida ao longo da obra cardoseana como uma figura ambígua, que, não sendo o autor empírico, também não o deixa de ser pelos próprios movimentos metatextuais que o autor cria para fazer referência ao escritor José Cardoso Pires na sua literatura. Para tanto, partiremos da análise de três obras: a novela *O Anjo Acorado* (1959), o romance *O Delfim* (1968) e, finalmente, a narrativa autobiográfica *De Profundis, Valsa lenta* (1998).

Finalmente, visamos apresentar de que modo esta leitura pode ser reforçada por dinâmicas hipertextuais, sobretudo de transposição mediática via adaptação cinematográfica. Através da análise do processo de figuração do escritor no filme *Sombras Brancas* (2023), realizado por Fernando Vendrell, verificaremos como José Cardoso Pires virá a se tornar, definitivamente, uma personagem – vítima do processo de que tanto recorreu para povoar os seus universos ficcionais.

***Erica Wels (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ)***

***4ª/ Mi, 20/09/2023, 16h***

**„Enterre seus mortos“, na estrada, entre a vida e a morte:  
um road movie literário de Ana Paula Maia**

A partir de um “não-lugar”, a literatura de Ana Paula Maia registra os “(...) aspectos mais agressivos ou mais desarmônicos da atualidade mais atual.” (Augé, 2018, p. 122)

A influência da arte cinematográfica, arte do “mundo em movimento” (Araújo, 1995) na estética da escritora e roteirista, já foi divulgada amplamente na mídia. Dentre as preferências, destacam-se filmes de terror e *western*. O mesmo personagem, Edgar Wilson (fusão de Edgar Allan Poe e seu conto “William Wilson”), tipo durão e solitário, ressurgiu em “Enterre seus mortos”, como removedor de animais mortos em estradas.

A dificuldade de definição da tipologia escolhida pela escritora nos levou a estabelecer um diálogo com o gênero cinematográfico *road movie*, partindo da primazia do deslocamento, do não-lugar, enfim, da estrada. O *road-movie* apóia-se no símbolo da estrada (Markendorf, 2012). Nesse gênero, a jornada do herói é uma mistura dramática de paisagem exterior e interior. Para o cineasta Walter Salles, os “filmes de estrada” misturam a crise de identidade dos personagens à crise de identidade das próprias culturas nacionais (Markendorf, 2012) Mais ainda, se *Road movies* têm no *western* seu precursor (Paiva, 2011), voltamos ao ponto de partida da influência desse gênero na ficção produzida por Maia.

A apropriação do espaço adverso é relevante nesse mundo limítrofe entre a vida e a morte. As margens entre animais e seres humanos são tênues. A obra aponta para uma relação contemporânea com a alteridade, afastando-se do isolamento entre seres humanos e animais em esferas antagônicas.

A escrita de Maia resgata o debate entre autoria feminina e suas feições melódicas e subjetivas, não só filiando-se ao “Brutalismo”, na esteira de Rubem Fonseca (Schøllhammer, 2010), como questionando a universalidade do “feminino” (Shohat, 2001).

**Memória, identidade e ancestralidade em  
"O manto da noite", de Carola Saavedra**

Memória, ancestralidade e identidade são temas centrais na obra ficcional "O manto da noite", publicada em 2022 pela escritora Carola Saavedra. A Cordilheira dos Andes surge como ponto de confluência entre passado e futuro. Esse sistema de montanhas simboliza, por um lado, o deslocamento territorial percorrido pela protagonista, que deixa seu país de origem e migra para o desconhecido. Por outro lado, a Cordilheira carrega consigo o simbolismo da história ancestral dos povos que viveram ao seu redor. Ela surge, portanto, como parte da memória coletiva de diferentes grupos étnicos que não a enxergam apenas como parte da paisagem mas, sobretudo, como parte do coletivo. O romance entrelaça as narrativas subjetivas, por vezes memorialísticas, de suas personagens com a história da ancestralidade indígena que habitou, e ainda habita, a região dos Andes. Para fins da desta apresentação, objetiva-se compreender como o passado subjetivo dos sujeitos, que experienciaram processos migracionais, se conecta com o passado coletivo daqueles que, por meio de invasões e lutas coloniais, tiveram que abandonar suas terras. De qual memória e de qual identidade se trata no romance? A memória desses passados, sejam eles individuais ou coletivos, nos ajuda a compreender a questão da ancestralidade que permeia não apenas os povos indígenas daquela região, mas também todos aqueles que, por algum motivo, estão em busca da própria identidade. Base teórica para

tal discussão encontra-se em Viveiros de Castro (1951) e, dentre outros, Kopenawa (2010).

*Jéssica Schmitz / Letícia Márquez (Universidade Feevale)*

*4ª/ Mi, 23/09/2023, 17h30*

**Brutalismo e deslocamento:  
um estudo da personagem Catarina,  
de *Requiem para o Navegador Solitário***

Diante da necessidade de redimensionar os arquétipos de sociedade e de desmistificar a ideia do “ter-sido”, instaura-se um processo de recondução histórico-social, no qual a tonicidade do sujeito se mostrou a melhor arma contra os dilemas e os conflitos surgidos no entre-guerras. É pela literatura que vão sendo percebidos os movimentos colocados em curso no âmbito da centralidade do indivíduo, a fim de (re)construir a ideia de *Ser* para o mundo, projetando as experiências humanas a partir da desfronteira incorporada como o meio para a consolidação de uma consciência que abrange o sujeito histórico na sua inteireza. O brutalismo histórico que delimitou a essência do sujeito, instituiu as diretrizes do deslocamento. Silêncio, memória e tempo são instâncias que, dialogicamente, se unem aos espaços habitados pela palavra e que são inseridos nas escritas literárias em Língua Portuguesa. É pela palavra (ou sua ausência) que se vai pensar este estudo. A ideia de pertencimento foi sendo subtraída aos sujeitos que tinham no espaço a sua raiz. Pensando nisso, este estudo objetiva analisar a obra *Requiem para Um Navegador Solitário*, de Luís Cardoso, evidenciando-se a personagem Catarina, que tem o seu corpo e



sua subjetividade cindidos pelas variadas dimensões do brutalismo. Fadada ao fracasso na vida adulta que lhe foi imposta, a personagem vive cercada por fantasmas do passado que a fazem sucumbir, em primeira instância, aos limites fronteiriços impostos pela dominação colonial. Como estrangeira em um espaço inóspito, a dominação que a cerca é representada não só pela ilha em desalento, mas pelos homens que cruzam seu caminho, que ditam regras de conduta e civilidade. Catarina é moldada na ordem da ausência, a partir dos anseios e desejos daqueles que se sentem no direito de a coisificar. Usa-se, como base teórica, os estudos de Achille Mbembe, Hommi Bhabha e Paul Ricoeur.

*Fabian Daldrup (Universiät Tübingen)*

*5ª/ Do, 21/09/2023, 8h30*

**A desapareição das fronteiras entre o sertão, a cidade e a selva amazônica: A representação dos câmbios profundos no Brasil entre 1954 e 1964 em „Quarup“ (1967) de Antônio Callado**

Antônio Callados bekanntester Roman „*Quarup*“ (1967) ist ein Klassiker der lateinamerikanischen Literatur. Das Werk, das die Entwicklung Brasiliens seit dem Ende der Präsidentschaft Getúlio Vargas` bis zum Beginn der Militärdiktatur erzählt, ist eine Narration des Wandels, der Veränderung und der Verwischung von Grenzen. Dank dieses universellen Vermittlungsanspruchs nennt Lúcia Sá den Roman eine „epic novel“ (2010, 195).

Padre Nando, zum Beginn des Romans noch katholischer Priester und künftiger Missionar im Regenwald des Xingu, durchläuft eine persönliche

Veränderung hin zum sozialistischen Widerstandskämpfer. Vor der soziopolitischen Entwicklung Brasiliens zwischen Traditionalismus, Militarismus und Sozialismus ist die geographische sowie die narrative Reise eines der Hauptmotive. In *Quarup* sind die Ortswechsel, Zeitsprünge und die Motivationen des Protagonisten im Spannungsfeld zwischen einem europäisch-humanistischen Ideal und einem universal-kommunistischen Pflichtgedanken immanente Vermittlungselemente. Über Sie werden Variationen brasilianischer Identität im Kulturellen und Politischen und durch die Bewegung im Raum formuliert.

Ich untersuche, wie topographische und topologische Wandel im Roman umgesetzt werden. Hierzu werden Reise- und Bewegungsmotive des Protagonisten, die Veränderung seiner Weltsicht und seiner Orientierung darin und die Konstruktionsformen brasilianischer Identität in den Blick genommen. Untersuchungsaspekte sind die Örtlichkeiten Pernambucos, des Xingu und Rio de Janeiro, die sich verändernde Körperlichkeit und Selbstsicht Padre Nandos und die politisch-philosophischen Hintergründe mit Einflüssen der Befreiungstheologie, der kubanischen Revolution und einer *vie de Bohème*. Ich möchte herausarbeiten, wie im Verlauf der Erzählung vor turbulenten Hintergründen die Individualität von Mikrokosmen aufgelöst und dem Metamotiv einer politischen Notwendigkeit untergeordnet wird.

**Als die *Sertões* nach Hamburg kamen:  
Euclides da Cunha in der Rezeption von Hubert Fichte**

Die Rezeption von Euclides da Cunhas Monumentalwerk *Os Sertões* (1902) über die Canudos-Kampagne der brasilianischen Regierung beinhaltet eine für den deutschsprachigen Raum höchst bemerkenswerte Facette: Es ist der bisexuelle Schriftsteller und Anthropologe Hubert Fichte, der das Werk in höchsten Tönen lobt und in seinem *Lesebuch* (1983) fragt, was denn die deutsche Literatur überhaupt zustande gebracht hätte – angesichts der besonderen Qualität von Euclides da Cunha. Doch wie kommt es zu diesem Urteil, angesichts der Spezifität des brasilianischen Werkes, und dann in im Kontext eines anderen Sprach- und Kulturraumes?

Anlässlich der Präsentation von Berthold Zillys deutscher Übersetzung von *Os Sertões* im Goethe Institut von São Paulo im Jahr 1996, hebt Haroldo de Campos die sprachliche Qualität von da Cunhas Text hervor. Alfredo Bosi hat die Sprache von *Os Sertões* als Ausdruck eines „wissenschaftlichen Barock“ bezeichnet, und genau dieser Barock konstituiere das anthropologische Kriegsepos, so Haroldo de Campos.

In meinem Vortrag möchte ich anhand der Analyse konkreter Textstellen aus *Os Sertões* darlegen, wie sprachliche Bilder, rhetorische Wendungen und Syntax jene Qualität erzeugen, die für Hubert Fichte interessant werden. Über Fichte zirkuliert *Os Sertões* transatlantisch nach Deutschland (und zwar zeitlich noch vor Zillys Übersetzung). In einem zweiten Schritt möchte ich fragen, was diese Rezeption bedeutet, die nun beinhaltet, dass die Eigenheiten von da Cunhas Werk mit Fichtes Texten zur Ethnologie

von Sexualpraktiken am Hamburger Bahnhof assoziiert zu werden. Diese merkwürdige Verknüpfung, diese konkrete Reise der portugiesischen Sprache nach Deutschland möchte ich mit Verweis auf die Neo-Barockforschung und kulturwissenschaftliche Theorien (Haroldo de Campos) aus Brasilien und Deutschland darlegen.

*Maximilian Rünker (Bauhaus-Universität Weimar)*

*5a / Do, 21/09/2023, 10h*

### **Scheitern und Schwanken: Schiffbrüche in der portugiesischen Literatur der Frühen Neuzeit**

Ich möchte in meinem Beitrag zwei Formen der (literarischen oder eher motivischen) Grenzüberschreitung zusammenbringen:

Erstens die in der Sektionsbeschreibung bereits vorgestellte Überschreitung von geo- und topographischen Grenzen, die sich in der wiederkehrenden Motivik der Mobilität – insbesondere der Schifffahrt, der Missionierung und Kolonisierung – ausdrückt. Zweitens die Metapher der (Anthropo-)Phagie. Diese soll einerseits als Überschreitung von Grenzen hinsichtlich Moral, Etikette und Gesetz in Form des Tabus besprochen werden. Andererseits soll es ebenso dezidiert um körperliche Entgrenzungen gehen, genauer gesagt, um die Vorstellung eines mit Motiven des Phagischen einhergehenden Zerfalls der körperlichen Einheit und die hiervon weiterführende Metaphorik hinsichtlich Staat und Nation. Hiermit möchte ich versuchen, ein Kapitel meines Promotionsprojekts, welches *Szenen phagischer Ästhetik in den lusophonen Künsten* verfolgt, vorzustellen. Ich werde mich hierbei auf drei Stationen der

portugiesischsprachigen Literaturgeschichte konzentrieren: die Schiffbruchberichte der Frühen Neuzeit, die Texte des brasilianischen *Modernismo*, sowie die zeitgenössischen Romane Isabel Figueiredos. Grundlegend ist die Überlegung, dass eine Motivgeschichte des (Anthropo-) Phagischen zugleich eine Geschichte der jeweiligen, historischen bzw. zeitgenössischen Raumvorstellungen oder vielmehr deren Brüche bietet. Für die Präsentation im Rahmen der Sektion möchte ich mich auf die Texte der *Historia Tragico-Maritima* beziehen, und in kurzen Schlaglichtern auf *Modernismo* und die zeitgenössische, postkoloniale Literatur verweisen.

***Daniel Conte (Universidade Feevale)***

***5ª/ Do, 21/09/2023, 14h***

### **Do cheiro do café ou dos sistemas literários das literaturas em língua portuguesa**

Profundamente marcadas pelos movimentos da economia e da política das potências econômicas mundiais, as literaturas das ex-colônias portuguesas na África e, especificamente, o Brasil sofreram a História como uma sucessão de rupturas em sua rede simbólica, que se pautou na espoliação do corpo-terra das colônias. Dentre essas marcas historiográficas, podemos destacar, com segurança, a crise de 29 e o começo da grande depressão nos Estados Unidos. As análises que pululam na malha imaginária do social, sobre a queda da bolsa de Nova Iorque, no final da terceira década do século XX, sedimentam desconhecimentos e ignoram sua importância para os sistemas literários das colônias portuguesas e para o abalo operacional do sistema literário brasileiro. A

crise conformou a queda generalizada da produção e do escoamento de produtos industrializados do mundo entre os anos de 1929, com o colapso da Bolsa de Valores de Nova York, e 1939, quando a Segunda Guerra Mundial passou a demandar o rearmamento das nações e seu potencial industrial. Esse movimento deu origem às commodities internacionais e, por consequência, à supervalorização de produtos primários como o café, que crescia nas terras angolanas, abalando o comércio já existente ao originar uma significativa concorrência no mercado mundial. Com o cultivo potencializado da fruta nativa, operou-se um sistema cafeeiro que deu origem a uma elite econômica no país africano, que iniciou um fluxo de formação dos nativos na educação superior, principalmente em centros metropolitanos como Lisboa e Coimbra, funcionalizando uma organização sistêmica da literatura em Angola e nos países que, à altura, eram territórios portugueses. Em contrapartida, o Brasil viu uma queda brusca em sua exportação. Este pensamento rediz a ordem narrativa que traz a Europa como o “grande berço” da revolução literária das ex-colônias portuguesas e deflagra interesses econômicos erosionáveis no Brasil literário da segunda fase do modernismo.

*Yasmin Utida (Universidade de São Paulo - USP / Universität Leipzig)*

*5ª/ Do, 21/09/2023, 14h45*

**Na fronteira entre biografia e testemunho secundário:  
Um olhar transnacional sobre  
*Olga Benário Prestes: uma comunista nos arquivos da Gestapo,*  
de Anita Leocádia Prestes**

De perigosa extremista à revolucionária exemplar, a construção diacrônica da imagem de Olga Benário Prestes resulta em “uma mulher de papel” (Assis, 2011, p. 16), cujas bases são produções literárias, midiáticas e acadêmicas, publicadas na Alemanha e no Brasil. Sem perder de vista a tradução como agente viabilizador do processo de retroalimentação entre as produções brasileiras e alemãs sobre Olga, a presente comunicação se concentra na análise da “narrativa biográfica” *Olga Benário Prestes: uma comunista nos arquivos da Gestapo* (2017), de Anita Leocádia Prestes e de sua respectiva tradução para o alemão *Olga Benário Prestes: eine biografische Annäherung* (2022). Com o respaldo teórico dos Estudos da Memória (Agamben, 1998; Assmann, 2007; Ernst/ Schwarz, 2012; Seligman-Silva, 2013) e da teoria de polissistemas (Even-Zohar, 1978; 1990), persegue-se o objetivo de apontar como o intercâmbio entre obras e documentos ao redor de Olga Benário permeia os sistemas literários, históricos e memorialísticos no Brasil e na Alemanha e se revela no livro de Anita Leocádia Prestes. Para tanto, lança-se mão da análise

trans(con)textual (Ernst, 2018) com base no exame de paratextos do original e da tradução alemã. Além dos deslocamentos linguísticos, geográficos e discursivos, tem-se como resultado preliminar a tese de que a publicação de Anita Leocádia Prestes sobre a mãe se desloca da classificação de pura biografia, coisa do método científico, para configurar, complementarmente, um testemunho secundário. Num movimento diverso da tendência à adoção da ficção como forma de expressão testemunhal (Galle, 2019), desponta uma nova forma de apropriação do passado familiar e pessoal, por meio da via historiográfica.

*Flávio Valentim (Universidade Federal do Pará - UFPa)*

*5ª/ Do, 21/09/2023, 16h*

### **Revolta animal, vingança da natureza.**

#### **Deslocamentos da vida ribeirinha contra a arca fascista**

Durante o período do fascismo brasileiro não foram raras as mensagens governamentais apelando para uma nação viril que deveria se opor ao selvagem e a natureza atrasada: mensagens que atacavam, principalmente, o modo de vida dos ribeirinhos amazônicos. Este trabalho é um excerto de um projeto de popularização da ciência em comunidades ribeirinhas situadas na Amazônia brasileira, especificamente em ilhas próximas da cidade de Belém do Pará que preservam traços das heranças da cultura colonial portuguesa. Com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) este projeto também envereda pela leitura de textos literários luso-amazônicos para compreender os deslocamentos da realidade local. Para este propósito



gostaria de aproximar dois textos da literatura portuguesa e brasileira. O primeiro é o conto *Vicente* de Miguel Torga que integra a obra *Bichos* (1940) e o segundo é o conto *A natureza ri da cultura* de Milton Hatoum que integra a obra *A cidade ilhada* (2009). A escolha por essas breves narrativas se justifica em razão de que ambas – embora apresentem distância temporal – se deslocam sutilmente para um mesmo núcleo, a saber: o jogo entre redenção e fracasso. De Torga procuro extrair o argumento da revolta animal contra a arca (desígnio autoritário da aliança entre o humano e o divino que humilha a voz do outro) e de Hatoum retenho o argumento da vingança da natureza contra os mitos culturais de superioridade, que não tolera o outro.

*Rafael Pansica (UNICAMP / Universidade Nova de Lisboa)*

*5ª/ Do, 21/09/2023, 16h45*

**A Vaquinha Pitanga e a Porca de Murça:  
transformações míticas e migrações transatlânticas em  
Guimarães Rosa**

A protagonista de “Sequência”, conto de Guimarães Rosa publicado em *Primeiras Estórias* (1962), é uma vaquinha vermelha que foge do jugo de um fazendeiro rígido (o seo Rigério) em direção a sua terra natal. A vaca vermelha é uma personagem mítica curiosa que figura com protagonismo em tradições míticas muito diversas entre si, como a japonesa (sob o nome de *akabeko*) e a judaica (sob o nome de *pará adumá*) – sem deixar de fazer uma aparição inusitada, ainda que mais discreta, em um dos capítulos de *Mary Poppins* (1934) de Pamela Travers. Apesar da difusão

geográfica dessa personagem mítica, minha apresentação se dedicará a levantar elementos que justifiquem a leitura do conto rosiano como uma transformação deliberada da lenda portuguesa da Porca de Murça. A maneira como Guimarães Rosa elabora a migração transatlântica dessa lenda portuguesa, que nasce em Murça como uma leitura popular da reconquista das terras ibéricas contra os mouros, ilumina (conforme procurarei demonstrar) um apelo político e emancipatório desse conto. As transformações míticas dessas histórias de animais que se passam nos interiores de Portugal e do Brasil serão analisadas também por um viés antropológico, especialmente no que toca às discussões que Claude Lévi-Strauss levantou, em suas *Mitológicas* (1964, 1967, 1968, 1971), a respeito das transformações míticas e dos métodos para a análise dessas transformações.

***Maria Schtine Viana (Universidade Nova de Lisboa)***

***5ª/ Do, 21/09/2023, 17h30***

**O oitavo recadeiro: a voz do estrangeiro em  
"O recado do morro", de João Guimarães Rosa**

De acordo com Abel Barros Baptista:

"A aventura da literatura brasileira é o melhor exemplo da modernidade, das dúvidas e ilusões, das tensões e contradições, das assimilações e exclusões, do corte com o passado e da recuperação do passado, em suma, de tudo o que faz da modernidade uma condição em uma época complexa – aquela condição e aquela época que herdamos e em que ainda vivemos." (2005: 35).

Nesse contexto, a produção do escritor João Guimarães Rosa indubitavelmente tem grande expressividade.

Na novela "O recado do morro", uma das sete narrativas do ciclo *Corpo de baile* (1956), acompanha-se a viagem de uma pequena comitiva, conduzida pelo protagonista Pedro Orósio, em torno da cidade de Cordisburgo, Minas Gerais. O objetivo da expedição é conduzir um naturalista estrangeiro, Alquiste-Olquiste, em uma pesquisa de campo, que tem como objetivo recolher informações sobre a flora e a fauna local e mapear os sítios arqueológicos existentes na região. Se se pode afirmar que a voz da natureza em desaparecimento está intimamente ligada com o ponto de passagem entre natureza e escrita "e o projeto linguístico de Rosa está próximo da conjugação entre língua morta e a revitalização da linguagem" (Rowland 2011: 111), qual seria a relação entre a morte e a natureza na novela "O recado do morro"? É sobre essa questão que pretendo refletir nesta comunicação, a partir do olhar que o cientista estrangeiro Alquiste-Olquiste tem sobre a natureza e os moradores locais e sua importância como um dos recadeiros da mensagem emitida pelo Morro da Garça. Para refletir sobre o papel desempenhado pelas personagens que, durante o deslocamento, contribuem para a tecitura do texto, dialogarei com Derrida (2014), Zumthor (2011) e Hall (2003).

### **A escrita boppiana enquanto mapa de viagens**

Trata-se de abordar o percurso do poeta modernista, advogado, jornalista, diplomata, mas, acima de tudo, do viajante obstinado Raul Bopp. Desde bem cedo se pôs a correr o mundo; era-lhe intrínseco o desejo de realizar sucessivos deslocamentos, geográficos e culturais. Viandante destemido, de apurada sensibilidade, sempre aberto às diferenças, rompeu fronteiras para conhecer o mundo nas suas mais diversas e vivas manifestações, denunciando alguns dos seus males. Abordaremos ainda a sua atuação tanto no Movimento Antropofágico como o seu empenho na divulgação e edição da *Revista de Antropofagia*. Para Bopp, a viagem determina a escrita. Ela está aberta para o mundo visível, visitado, imaginado. Fundamentalmente, ressalta a especialíssima escrita boppiana, desenvolvida entre e durante viagens, muitas vezes dispersiva, fragmentária, inconstante, outras vezes telegráfica e abreviada, como em correspondências enviadas aos amigos. Nos textos literários, observa-se algo errático, com suas retomadas e repetições, também não abdicando da busca obsessiva de perfeição, como no seu livro *Cobra Norato*. E ainda evidencia o processo de criação, a diversidade temática, os preparativos para a escrita e o esboçar da trama de *Cobra Norato*, obra fulcral do Modernismo brasileiro. Enfim, escrever em viagem e sobre viagens, fragmentariamente, renova o processo antropofágico de tudo devorar à sua volta, quando o sujeito se desloca. Assim se busca contribuir para uma reavaliação de Raul Bopp à luz da sua movimentação no Brasil enquanto

jovem viajante, estudante, intelectual e, em vários países do mundo, posteriormente, como diplomata, para mostrar como a sua escrita radicou-se num Brasil também indígena e negro e, logo depois, testemunhou a condição de muitos subalternos do mundo, como os mineiros sul-africanos, os indígenas guatemaltecos, até à defesa dos imigrantes japoneses no Brasil, entre outros, quando havia movimentações preconceituosas contra a sua entrada no país.

*Natalia Marcelli de Carvalho (Universidade do Porto)*

*6ª/ Fr, 22/09/2023, 9h15*

**Traduções de *A Tale of Two Cities* de Charles Dickens:  
Um recorte paratextual no polissistema literário brasileiro**

Tendo como base a pluralidade e a importância das obras de Charles Dickens no cenário literário mundial, esta comunicação tem por objetivo analisar a questão paratextual das sete traduções, no período de 1943 a 2012, de *A Tale of Two Cities* (1859) no Brasil, uma vez que elas constituem um arcabouço de estudo sedutor pela diversidade de procedimentos que exibem. Para explorar as traduções de um autor que ocupa um lugar proeminente no cânone literário e cuja obra suscita expectativas social e politicamente definidas, proponho-me invocar a *Polysystem Theory* de Even-Zohar, pela qual os fenômenos semióticos de uma determinada sociedade (por exemplo a cultura, a linguagem, a literatura e a sociedade) são melhor compreendidos quando interpretados na forma de sistemas. Estes não devem ser estudados como estruturas fechadas e de fronteira limitada, mas, sim, como elementos que,

concomitantemente, influenciam e são influenciados por outros sistemas de forma inter-sistêmica e/ou extra sistêmica (Even-Zohar, 1979; 1990). Através de tal teoria, portanto, é possível observar como uma tradução impacta e é impactada por um determinado ambiente. No que se refere ao posicionamento dessas traduções, que se encontram dentro de um determinado polissistema e as suas implicações perante a dinâmica do polissistema cultural brasileiro, é possível traçar um panorama das escolhas paratextuais (Genette, 1982, 2009) do *corpus* proposto, de modo a analisar as nuances das escolhas sincrônicas de cada tradução em particular, mas que se constituem, como um todo, fundamentais para um estudo de caso quando observadas pelo eixo diacrônico. Afinal, tanto o sistema literário quanto o cultural ao longo de décadas revelaram-se decisivos para a configuração do Brasil atual.

***Peilin Yu (Universidade de Coimbra)***

***6ª/ Fr, 21/09/2023, 10h***

**A desterritorialização entre o presente, o passado e o futuro:  
uma reflexão comparativa sobre as temporalidades no romance  
*Estação das Chuvas (1996)* e no filme angolano *Ar Condicionado  
(2020)***

Propomos um estudo comparativo sobre a questão das temporalidades em duas obras/expressões artísticas angolanas: o romance de José Eduardo Agualusa, *Estação das Chuvas*, cuja primeira edição é datada de 1996, e o filme *Ar Condicionado*, realizado pelo cineasta angolano Fradique em 2020. As temporalidades serão o fio condutor da nossa

análise, levando em consideração as seguintes observações: consideramos que as histórias divergem no facto de os recortes temporais em que se contextualizam serem bastante diferentes, sendo que o romance de Agualusa se concentra no período entre a luta de libertação nacional angolana e a recém-independência, enquanto o filme de Fradique se debruça sobre uma sociedade angolana do pós-guerra, muito mais modernizada e neoliberal, ou melhor, o *status quo* de Angola do nosso tempo, por um lado; por outro, as convergências traduzem-se na sua preocupação comum com o impacto do tempo na memória, na identidade e na sociedade, bem como nas suas formas de elaborar a pluralidade de temporalidades numa narrativa singular e de tentar abordar e questionar o seu próprio "presente" ou o seu próprio "agora" como uma fronteira temporal (Heller 1993). Em ambas as obras é possível observar uma incerteza pervasiva perante o mesmo tema - a desterritorialização, o deslocamento e o entrelaçamento do presente, do passado e do futuro, seja uma incerteza suscitada pelo percurso mnemónico do silenciamento do presente às ilusões históricas, seja uma incerteza face ao tempo futuro quando o presente é confrontado com a nostalgia enquanto "emoção histórica" (Boym 2001). Tendo em conta essas considerações, o presente trabalho pretende analisar o modo como os autores desenvolvem, na literatura e no cinema, a complexa relação entre as várias temporalidades e como refletem sobre o estado não linear do tempo, quando o conjugam com o estado igualmente não nítido da sociedade angolana, com o objetivo de revelar a continuidade e a descontinuidade, tanto na forma como no tema, entre as expressões artísticas angolanas de diferentes gerações.

**Bíblia Almeida em movimento: a cooperação alemã,  
dinamarquesa e inglesa na preservação de um patrimônio  
literário da língua portuguesa**

A primeira tradução da Bíblia em língua portuguesa foi resultado da iniciativa de João Ferreira de Almeida, cidadão português, nascido no século XVII, mas ligado desde a sua juventude à cultura holandesa. Isso porque, embora não se saiba ao certo as razões, este português se encontrava em 1642, com treze ou quatorze anos de idade, numa embarcação a caminho de Malaca, colônia portuguesa recém-conquistada pelos holandeses no Sudeste Asiático. Ao longo de quase cinquenta anos, esse português trabalhou em sua tradução da Bíblia, embora tenha obtido êxito, durante o período em que viveu, apenas na publicação de sua versão do Novo Testamento, impressa em Amsterdã no ano de 1681. A sua tradução do Antigo Testamento, contudo, permaneceu manuscrita até meados do século XVIII, quando foi redescoberta por missionários luteranos alemães, ligados à Universidade de Halle, e residentes na colônia dinamarquesa de Tranquebar, na Índia. Estes, imersos nos dois principais idiomas então utilizados na região (o português e o tâmil), e contando com o apoio de uma entidade religiosa e educacional inglesa – a *Society for Promoting Christian Knowledge* (SPCK) –, foram os principais responsáveis pela conservação de um patrimônio literário-religioso que, doutro modo, poderia ter se perdido em formato manuscrito. Além disso, foi a iniciativa desses missionários alemães que possibilitaram, embora



indiretamente, a posterior elevação dessa versão bíblica portuguesa à condição de inegável sucesso editorial, por iniciativa de outra entidade inglesa: a *British and Foreign Bible Society* (BFBS), que a publicou pela primeira vez num único volume no ano de 1819. Isto posto, o objetivo desta comunicação será o de refletir sobre os impactos – positivos e negativos – desse “manuseamento” predominantemente estrangeiro de uma tradução da Bíblia ainda hoje amplamente distribuída em todos os países da comunidade lusófona.

***Larissa de Assumpção (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP)***

***6ª/Fr, 22/09/2023, 12h***

**O uso da literatura em língua portuguesa no meio político do século XIX: uma análise da correspondência trocada entre o imperador Pedro II e intelectuais estrangeiros**

Este trabalho tem como objetivo analisar a maneira como o imperador brasileiro Pedro II mobilizava textos e traduções literárias em língua portuguesa para construir relações políticas e culturais com literatos e intelectuais estrangeiros. Dessa forma, pretende-se contribuir para as investigações sobre a História do Livro e da Leitura (Chartier, 1998; Darnton, 1990) e sobre a circulação transatlântica de obras literárias no século XIX (Abreu, 2016). Como fonte de análise, serão utilizados trechos da correspondência trocada entre Pedro II e dez intelectuais estrangeiros: Alessandro Manzoni, Alexandre Herculano, Alphonse Karr, Arthur de Gobineau, Camillo Castello Branco, Carl Friedrich von Martius, Cesare

Cantù, Ferdinand Denis, Henry Wadsworth Longfellow e John Greenleaf Whittier. Essa correspondência, composta por mais de 200 cartas escritas entre 1851 e 1879, faz parte do acervo do Museu Imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro – Brasil. A análise será centrada em três aspectos principais: quais eram os temas mais abordados por Pedro II em sua correspondência com os escritores; quais foram as obras e poemas mencionados em suas missivas e de que maneira ele mobilizou narrativas e poemas em língua portuguesa para manter contato com intelectuais do período e divulgar a cultura e a literatura brasileira. Ao final da análise, conclui-se que Pedro II abordava a literatura em língua portuguesa com frequência em suas cartas e que o envio de traduções e de obras originalmente escritas em português a intelectuais que residiam fora do Brasil permitiu que ele construísse uma rede de apoio político e literário em torno de si.

*Annabela Rita (Universidade de Lisboa)*

*6ª/Fr, 22/09/2023, 14h15*

**Conferência de encerramento:  
A Literatura em Língua Portuguesa entre culturas:  
o caso de António Quadros**